

## HORRORES BREVES —HORRORES ETERNOS

### UMA REFLEXÃO SOBRE A OBRA *GRITOS DO INFERNO PARA DESPERTAR AO MUNDO DO* PADRE JOSEPH BONETA

MARIA GABRIELA GOMES OLIVEIRA  
Escola Secundária Joio Gonçalves Zarco (Matosinhos)

O padre aragonês Joseph Boneta (1638-1741)<sup>1</sup> dá à estampa nos inícios do século XVIII (1705) uma obra piedosa - *Gritos del Infierno para despertar el mundo*, que conhece sucessivas edições em castelhano, várias em francês, e em Portugal foi traduzida e editada em 1716 e 1721 sob epígrafe que reproduz o original: *Grilos do Inferno para despertar ao mundo*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Joseph Boneta y Laplana, natural de Zaragoza, doutor em Teologia e prebendado da igreja de S. Salvador da mesma cidade. Foi autor de bibliografia com um certo êxito editorial para a época. Algumas das suas obras foram traduzidas em várias línguas entre as quais o português, o francês e até o chinês e conheceram sucessivas edições, algumas delas ainda editadas na segunda metade do século XIX.

Citamos alguns dos seus títulos:

— *Vidas de Santos y venerables varones de la religion de Nuestra Señora del Carmen de la antigua observância*, Zaragoza, oficina de António Francisco Castan, 1687.

— *Gritos del Purgatorio y medios para acallarlos*, Zaragoza, 1689. Desta obra há várias edições em português.

— *Crisol del Crisol de desengaños*, Zaragoza, en la casa de Antonio Rubio, 1700. Existe tradução e edição portuguesa.

— *Gritos del Infierno para despertar el mundo*, Zaragoza, por Tomas Martinez, 1705. A obra teve uma segunda edição em Zaragoza em 1714, seis edições em Barcelona, a última das quais em 1856. Foi traduzida e editada em francês pelos irmãos Garnier, s/d.

— *Gracias de la Cracia. Saladas agudezas de los Santos*, Zaragoza, por Tomas Martinez, 1706. Existe tradução e edição portuguesa in PALAU Y DULCET, António — *Manual del librero Hispano Americano*, Barcelona, 1948, 327-328.

<sup>2</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno para despertar ao mundo*, Lisboa, traduzida em português por António Faria Barreiros, officina de Filipe de Sousa Villela, 1721. Esta edição é a que seguimos no trabalho aqui desenvolvido.

Como sugere o título, o autor quer acordar as consciências do "sono do pecado" e mover os ânimos ao arrependimento e à reforma de vida. Em ordem aos objectivos que contempla, o padre Bonda oferece um processo meditativo sobre as penas do Inferno, organizado em tomo de um forte apelo emocional: os *gritos* dos condenados. Voluntariamente inquieta, ame-dronta, aflige, porque confia, como o texto deixa com clareza intuir, no poder dinamizador do *medo* e na utilidade de horrorizar para salvar. Assim, logo na dedicatória e no prólogo do livro surgem expressões reveladoras desta linha de pensamento: a Pilatos no acto da entrega de Jesus "move-ram mais os gritos [do povo] que as razões, pois as tinha, para livrar a Christo"<sup>3</sup>; mais defende o medo do que a autoridade, "pois mais vale um grande cão na poria do que dentro hum grande Senhor"<sup>4</sup> e "pode haver razão para que por lhes não darmos [às almas] hum horror tão breve, come medicinal, as condenemos a outro horror tão irremediável como sempre eterno, sempi ternus horror inabitat"?<sup>5</sup> *Gritos do Inferno para despertar ao mundo* integra-se, por estes motivos, no que Jean Délumeau chama a "pas-toral do medo", em que se recorria a uma táctica de pavor, de modo que os fiéis temerosos se afastassem do pecado, fizessem penitência por suas culpas e, o que não é menos importante, se mantivessem no seio da Igreja Católica<sup>6</sup>.

Nesta obra, o autor usa, como já precedentemente fizera em *Gritos das Almas do Purgatório...*, uma técnica de ficção, não original mas convincente, em que põe o mundo do Além a comunicar com o mundo ter-reno<sup>7</sup>, Os condenados, da única maneira que lhes é possível, aos *gritos* forma que tanto indica a veemência do castigo como a urgência do aviso — alertam os pecadores dos perigos que os aguardam se não arripiarem caminho e descrevem os suplícios a que estão sujeitos. Eles, os actores da cena infernal, dão notícia das misérias que suportam, o que, obviamente.

---

<sup>3</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 13.

<sup>4</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 2.

<sup>5</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 16.

<sup>6</sup> Cf. DELUMEAU, Jean — *Naissance et affirmation de la Reforme*, Paris, P.U.F., 1965. 50-53 e *Le Péché et la Peur. La culpabilisation eu Occident (XIII<sup>e</sup>, XVIII<sup>e</sup> siècles)*, Paris. Fayard, 1983, 340-369, 415.

Foi esta uma pastoral de largo fôlego que, entre nós, teve na *Missão Abreviada da Padre Manuel Couto*, um testemunho alto e editado ainda na segunda metade do século XIX. COUTO, Padre Manuel José Gonçalves — *Missão Abreviada poro Despertar os Descuidados. Converter os Peccadores e Sustentar o Fruto das Missões*, Porto, Typografia de Sebastião José Pereira, 1859

<sup>7</sup> Ver OLIVEIRA, Mana Gabriela Gomes de — *Uma "irmandade" volante do século XVIII. O folheto "Lágrimas das Almas"* in *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. IX, Porto. 1992, 349-354.

reforça o impacto junto do leitor ou ouvinte, conferindo autenticidade e realismo à narrativa. O texto elenca uma série de vícios, bem definidas situações de erra, comuns a grupos sociais que poderíamos dizer de extracto médio-alto, daqui resultando um esboço de tipologia de pecadores onde, com relativa facilidade, o leitor se enquadrará: o pai desatento à educação religiosa e moral de seus filhos; o amo relaxado no pagamento a seus criados; os que excessivamente cuidam de suas fazendas em prejuízo da vida espiritual; os progenitores autoritários quanto à escolha de estado de seus dependentes; a mulher fútil, enleada em seus atavios; o jovem esquecido da brevidade dos anos e todo entregue aos prazeres do mundo; o adúltero; o mexeriqueiro... No final de cada uma das considerações surgem os *grilos* dos condenados, avisando: se és como eu, olha o que te espera... O padre Boneta centra o discurso nas penas do Inferno, na duração, variedade e rigor dos castigos. Nem a geografia, nem a morfologia do "lugar" o ocupam, como acontece com alguns notos autores que o precederam e alguns seus contemporâneos <sup>8</sup>. O Inferno aparece com os usuais atributos de prisão, trevas e fogo; é "escuro cárcere", "negra região das sombras", "pego de inextinguíveis chamas...". As imagens concretas com que o sacerdote aragonês evoca os tormentos infernais seguem os modelos aprovados pela Contra-Reforma os quais, por sua vez, espelham, com ligeiros matizes, elementos da tradição judaico-cristã que, a partir de Sto. Agostinho, se vão estruturando e, ao longo dos séculos XIII a XV se impõem através das obras de piedade, dos sermões, do teatro religioso e da iconografia respectiva <sup>9</sup>. Note-se a ausência de dois temas frequentes no vocabulário do Além infernal: a dualidade ardente/glacial e as representações de animais fantásticos, monstruosos ou repelentes: dragões, serpentes, áspides, sapos e guzanos. Nas páginas dos *Grilos do inferno...* vemos sublinhada a noção do duplo castigo espiritual/corporal, o que está a indicar a admissão da possibilidade de as almas "separadas" sofrerem "corporalmente" <sup>10</sup>, mais a antiquíssima adequação do castigo à natureza do pecado e ainda a repartição das penas segundo os cinco sentidos de acordo com o que tradicionalmente se diz o modelo jesuítico.

---

<sup>8</sup> É pacífica, neste passo, a reminiscência de Dante Alighieri e de *Divina Comédia*. No século XVIII e no nosso país, alguns autores preocuparam-se em retratar a paisagem infernal; por exemplo, CORTE-Real, Jerónimo in *Auto dos Quatro Novíssimos*, Lisboa. Officina patriacal, MDCCLXVII.

<sup>9</sup> Veja-se a propósito a obra dirigida por XELLA, Paolo — *Arqueologia del Inferno*, Barcelona. Editorial Aura, 1991 e o artigo de BASCHET, Jérôme — *Le Moyen-Âge a-t-il eu peur de l'enfer?* in revista *L'Histoire*, Paris, Novembro, 1994, 26-33.

<sup>10</sup> De acordo com S. Tomás de Aquino em *Suma Teológica* in LE Goff, Jacques — *O Nascimento do Purgatório*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993. 20 e 30, nota 9.

No que diz respeito à relação culpa/castigo, ilustremo-la com alguns exemplos: o do mexeriqueiro cujas palavras semearam a discórdia e roubaram a paz nas famílias e entre amigos. Ele vai receber no Além a pena de uma guerra contínua com todos os que o rodeiam e consigo mesmo, de tal maneira que, ao volver os olhos apenas verá "hum inimigo e algós do coração" <sup>11</sup>. O pai de família que não velou atentamente pelo bem estar espiritual dos que tinha a seu cargo sofre o castigo de "velar sempre" isto é, olhar continuamente os seus próprios martírios <sup>12</sup>. Por sua vez, aqueles pais opressores que obrigam seus filhos ou filhas a tomar estado que não era da vontade deles sujeitam-se à imobilidade total, e por demais eterna: "Ponderay quanto excede a opressão que tenho à que dey... que não tenho só presos pes e mãos, mas também sentidos e potências de maneira que não há em mim cousa, a qual não esteja atada, e presa com grilhões feitos em braza..." <sup>13</sup>.

No tocante aos tormentos dos cinco sentidos, a vista magoa-se com a "feííssima figura dos demónios" <sup>14</sup> e a "cruel carniceria de Justiçados" <sup>15</sup> a que assiste; o ouvido ó obrigado a escutar "blasfémias contra Deus" <sup>16</sup> e "espantosos bramidos" dos malditos, de tal forma aterradores que "desejarás morrer por te livrares destas agonias..." <sup>17</sup>. Ao olfacto sufocam "tantas e tão reconcentra das podres corrupções...", o paladar suporta a destruição do órgão principal, a língua, despedaçada pelo danado que há-de também engolir matérias escaldantes como ouro derretido, enxofre fervente e o próprio fogo <sup>18</sup>. Repare-se que neste ponto se omite a fome e a sede, consideradas por outros autores um dos mais insuportáveis martírios do Inferno, provações que, em primeiro lugar, afectam o sentido do gosto <sup>19</sup>.

O tacto, o mais extenso de todos os sentidos, sofre pelos maus tratos que os demónios infligem ao corpo que e cuspidos, pisados, empurrados, espetados, açoitados — punição de escravos — com grilhões e cadeias em brasa. Em não raras páginas se alude à patética "carnificina" que se desenrola na "negra região das sombras". A destruição do corpo, em que se insiste de

---

<sup>11</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 29-32.

<sup>12</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 11.

<sup>13</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 244.

<sup>14</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 176.

<sup>15</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 376.

<sup>16</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 376.

<sup>17</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 179.

<sup>18</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 27, 43-44.

<sup>19</sup> Assim, por exemplo, Alexandre de Gusmão em *Eleiçam entre o bem e o mal eterno*, Lisboa Occidental na Officina da Musica, Anno MDCCXX, 178-179.

uma maneira reiterada até ao excesso e, para nós hoje, pouco crista, completa-se pelo tormento do fogo.

A visão do padre Boneta sobre o fogo do Inferno assenta nas posições tradicionalmente seguidas pela Igreja cristã e católica e a qualificação do elemento ígneo reproduz atributos comuns a obras afins da mesma época. Veja-se em Portugal, *Eleiçam entre a bem e mal eterno* do padre Alexandre de Gusmão, de 1720, *Os últimos fins do Homem, salvação, e condenação eterna* do padre Manuel Remardes, de 1728, *Desengano dos Peccadores...* do Padre Alexandre Perier, de 1765. O texto de *Gritos do Inferno...* refere o fogo, criado por Deus para satisfação de sua vingança<sup>20</sup>. "primitivo", "inextinguível", "eterno", "sobrenatural" mas com efeitos abrasadores iguais, ainda que muito aumentados, aos do fogo terreno. Menciona-se o fogo/chamas atribuindo-lhe, como ensinavam Tertuliano, S. Cipriano, S. João Crisóstomo<sup>21</sup>, o poder de queimar sem consumir. As labaredas rodeiam os condenados, servem-lhes de cama, trespassam-nos e brotam dos poros do corpo nele voltando a entrar pelos sentidos ~. O fogo/cozinha está presente em expressões como "forno" e "fornalha" onde assam os corpos dos justicados às penas eternas<sup>23</sup>. O processo culinário da fritura vem referido quanto aos suplícios destinados ao adúltero; este não é assado porque, deste modo, não o toca directamente o fogo, mas o calor. O culpado de tão grave delito frita-se, não já em azeite, mas em enxofre onde saltará e se queimará, do qual lerá as entranhas trespassadas e donde "sayrá queimando delias, suffocando-vos o alento a negra respiração de seu espesso encarcerado fumo e entristecendo-vos o coração sua macilenta amarela espantosa lus"<sup>24</sup>. O fumo, mal estar apontado como uma das múltiplas provações do Inferno e cujo rasto se encontra já em antigos textos cristãos, por exemplo, o *De Laude Martirii*, supostamente atribuído a S. Cipriano<sup>25</sup>, surge aqui também, como acabamos de ver; chega-se a

---

<sup>20</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed cit, 376 e 456. No século XVIII, os pregadores italianos dão particular realce ao tormento do fogo e entre estes o jesuíta Paulo Segneri cujo *Tratado do Inferno Aberto* se encontra traduzido em português por Frei Agostinho de Santa Maria. A 5ª edição, publicada por Pedro António Caldas encontra-se anexa a *Desengano de Pecadores Necessário a todo o género de Pessoas, Utilíssimo aos Missionários e aos Pregadores desenganados, que só desejão a salvação das almas*, Lisboa, Officina de Miguel Marechal da Costa, Anno de MDCCLXV.

<sup>21</sup> DELUMEAU, Jean — *Le Péché et la Peur...*, ed. cit., cap. XIII, notas 7, 8 e 703.

<sup>22</sup> BOCETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit, 90, 180.

<sup>23</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 179.

<sup>24</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed cit., 89,

<sup>25</sup> Cf. LE GOFF, Jacques — *O Nascimento do Purgatório*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992, 53.

falar de infelizes mergulhados em "huma cova de fumo" <sup>26</sup>. O chumbo derretido — mais um dos estereótipos infernais - cabe a uma mulher vaidosa "empurrada em num profundo poço cheyo de chumbo tão derretido, que apesar de seu pesar se erguia e tomava a levantar em torrentes e borbulhões com apressada fúria..." <sup>27</sup>. E o autor, em remate, faz notar que tal aflição se aplica "à mimosa brandura de huma mulher...". Julgamos pertinente sublinhar a mórbida e não menos sensual evocação de pormenores de que este é um exemplo entre outros que pontuam o texto de onde a onde. Uma passagem fala-nos de um menino condenado a contar que monstruosíssimos demónios o açoitam com cadeias de ferro em brasa de modo a rasgar e a queimar a carne e tudo isto em um "tenro corpinho..." <sup>28</sup>. Estes pormenores sugerem a insistência com que se enumera e se "mostra" os suplícios "corporais". O estrago feito no "corpo" pode impressionar mais, aterrorizar melhor: há, pois, que carregar nos tons sombrios e arrepiantes, tornar o sofrimento físico medonho, repulsivo: merece a pena suscitar um breve horror para que as almas não caiam nos horrores eternos. De igual modo se procedia nos sermões, de onde, muito provavelmente, o padre Boneta colheu algumas das imagens do Além que inclui nesta sua obra.

Como não podia deixar de ser, o autor admite a eternidade das penas. As suas palavras sublinham este ponto relativo à duração dos castigos devidos pelo pecado original e mortal que tanta polémica, como se sabe, linha levantado ao longo dos tempos. Os condenados, nos *gritos*, vão dizendo que as misérias a que estão sujeitos durarão sempre, sempre, por uma "eternidade de eternidades"<sup>29</sup>.

Todavia, não esqueçamos, a punição é dupla e os castigos espirituais revelam-se igualmente terríveis. A enumeração dos sofrimentos espirituais que oprimem os malditos continua de perto um subtil esquema traçado por S. Bernardíno de Siena no século XV e que distingue dezoito categorias nesta ordem de tormentos <sup>30</sup>. Séculos depois, tal como o frade toscano, o

---

<sup>26</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 105.

O incómodo do fumo aparece em obras contemporâneas dos *Grilos do Inferno*. Assim o Padre Manuel Couto em *Missão Abreviada*, ed. cit., 85 diz; "Verás hum turbulento espesso fumo / Pelos lugares côncavos sombrios:...", Jerónimo Corte-Real em *Auto dos Quatro Novíssimos*, ed. cit., quando alude ao Inferno e suas penas "Lá verás um lugar de tormentos demos... onde os olhos estão cheios de fumo...".

<sup>27</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 115.

<sup>28</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 179.

<sup>29</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 181.

<sup>30</sup> DÉLUMEAU, Jean — *Le Péché et la Peur...*, ed. cit., 418-421.

padre Boneta acentua o desespero da salvação, a revolta contra a punição sofrida, o contínuo blasfemar, a impossibilidade da mudança e a exclusão da beatitude. As vozes que se elevam do "escuro cárcere" advertem: "Estou mal com a lembrança da impossibilidade de meu remédio..."<sup>31</sup>; e "o mayor tormento é a rayva e o furor que tenho contra mim próprio, e com que sempre me quisera acabar e nunca posso..."<sup>32</sup>; e ainda "blasfemar e dizer mal de Deos, de sua justiça, de sua Misericórdia e de seus Sacramentos"<sup>33</sup>.

A exclusão da beatitude, ou pena de dano, colocada pelo franciscano de Siena em primeiro lugar na lista de sofrimentos espirituais, ganha vulto nos sermões e na literatura piedosa dos tempos posteriores, embora seja difícil de explicar sobretudo às gentes mais simples. Neste texto, escolheu-se colocar a exclusão da presença de Deus quase nas páginas finais para que, passo a passo, o leitor chegue ao topo de todos os males, à pena superlativa, "quinta essência da amargura", para que atinja a culminância dos suplícios do inferno. "E assim entram de huma pancada todos os males em numa só peça se perdem todos os bens, por estarem todos em Deos... sem ficar a esperança do bem, nem o bem da esperança..."<sup>34</sup>.

Tendo já sugerido atrás que esta obra conheceu um relativo êxito editorial, podemos agora acrescentar que autores portugueses setecentistas a citam, chegando mesmo a apontá-la como modelo de leitura, aos sacerdotes missionários<sup>35</sup>.

*Gritos do Inferno para despertar ao mundo*, obra imbuída do "pate-tismo" — a palavra é de Robert Mandrou — que podia definir aquilo a que se chama Barroco<sup>36</sup>, resulta um livro apavorante — assim o desejou o autor —, como frisámos no início deste trabalho, mas nem por isso menos atraente para os "consumidores" da época, o que se verifica pelas edições e traduções que dele se fizeram. A linguagem acessível, a fórmula dos *gritos* que imprime vivacidade e ritmo ao discurso, o detalhe mórbido que sempre desperta no leitor um estranho fascínio, aliados a um sábio doseamento do horror, contribuem, de certo, para a expansão desta obra.

---

<sup>31</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 75.

<sup>32</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 32.

<sup>33</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 377.

<sup>34</sup> BONETA, Joseph — *Gritos do Inferno...*, ed. cit., 307-311.

<sup>35</sup> Ver em propósito JESUS, Fr. José de Santa Maria de — *Brados do Pastor às suas ovelhas*, Lisboa Occidental, na officina de Manoel Fernandes da Costa, Anno de MDCCXXXV.

<sup>36</sup> MANDROU, Robert — *Le baroque européen: mentalité, palhélique et révolution sociale* in *Annales*, 910.

A tentativa de comunicar ao coração dos fiéis o impulso da mudança pelo medo, a angústia, o escrúpulo, seria eficaz? Outros autores, tantos, propuseram com iguais meios o cuidar no Inferno para evitar o pecado e atingir a salvação, indo até ao ponto, como o padre Perier, de ilustrar o texto com arrepiantes gravuras dos castigos eternos<sup>17</sup>. A permanência e a insistência sobre este *fim último do homem*, nos termos que acabámos de observar, deveras atemorizaria?

Recentemente, Jérôme Baschet, em um artigo publicado na revista *L'Histoire*, questiona o parecer, mais ou menos generalizado, sobre o temor do Inferno que tanto apoquentaria os homens da Idade Média e sugere que a confiança na bondade divina levou sempre a melhor sobre o medo da perdição eterna nas populações do Ocidente medieval<sup>38</sup>. Sabemos também que, dos séculos XV a XVIII, coexistiram posições moderadas e "optimistas" em contraste com a linha tradicional "pessimista" e angustiante que, a partir de 1563, em contexto de fronteiras de cristandade bem definidas, marcou a maior parte da literatura de espiritualidade<sup>39</sup>.

Atendendo à expressão cultural de cada época e à saturação das descrições mais ou menos inflamadas de um mundo maldito, império de monstros, lugar de atrozes tormentos, a lição de Jérôme Baschet pode levar-nos a perguntar até que ponto também nos "tempos modernos" os discursos de intimidação suscitariam um autêntico e duradouro pavor do Inferno<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> PERIER, Padre Alexandre — *Desengano de Peccadores...*, ed. cit.

O Padre Perier defende o valor e o poder da imagem na tática de persuasão dos fiéis. No seu livro, as gravuras referem-se aos castigos "corporais" segundo os cinco sentidos e às penas espirituais. São tão arrepiantes umas como outras.

<sup>38</sup> BASCHET, Jérôme — *Le Moyen-Age-a-t-il eu peu de l'enfer?* in revista *L'Histoire*. Paris, Novembro, 1994, 26-33.

<sup>39</sup> Importa lembrar que, no século XVIII existe uma corrente que se demarca da orientação teológica tradicional que defende que o número de eleitos é muito superior ao dos danados e insiste na bondade infinita de Deus que quer o bem de todas as criaturas, logo não se concebe que condene milhões de seres a um mal terrível e eterno como o Inferno. Entre autores que perfilham este parecer "optimista", distinguimos: o jesuíta siciliano Gravina, o apologista francês Nicolas Bergier e a protestante Marie Hubert. Cf. conferência de Jean Delumeau proferida no âmbito do curso *Correntes da Religiosidade da Época Moderna*. U. C. de Lisboa, Setembro, 1991.

<sup>40</sup> Pese embora o anúncio renovado e periódico das autoridades eclesíásticas sobre estas verdades doutrinárias, nos nossos dias, em 1986, em França, as revistas *Le Monde* e a católica *La Vie* publicaram um inquérito em que se mostra que grande parte dos católicos não acreditam no Inferno. A 24 de Janeiro de 1996, uma pequena notícia do *Jornal de Notícias* do Porto dava conta que, no Reino Unido, a Igreja Anglicana considera "não ser muito convincente" a visão tradicional das chamas e dos castigos infernais e os clérigos propõem um Inferno reformulado "escolha final e irrevogável do que se opõe a Deus tão completamente e tão absolutamente que o único fim e a total não-existência."

O Padre Boneta em *Gritos do Inferno para despertar ao mundo*, recorrendo aos horrores breves para salvar dos horrores eternos, confiava, realmente, na eficácia de tais métodos? Ou tomava-se cada vez mais necessário reforçar uma ideia que, afinal, poucos teriam em conta? É uma pergunta a que, por ora, não sabemos responder.